

O RENASCIMENTO DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO NA VISÃO DE FARIAS BRITO

THE PHYLOSOPHY OF THE SPIRIT REBIRTH IN FARIAS BRITO'S VIEW

José Antonio Bertani Marinho¹

RESUMO: O artigo apresenta a visão de Farias Brito concernente ao pensamento filosófico, no início do século XX. Discorre sobre as tendências do pensamento em evidência na época, denominadas por Farias Brito “doutrinas de demolição”, que envolvem o criticismo, o positivismo e o materialismo. Apresenta, finalmente, as considerações do filósofo, com a sua opção declarada pela filosofia do espírito, que permite a restauração dos valores morais em agonia, naquele momento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Criticismo. Positivismo. Materialismo. Filosofia do espírito.

ABSTRACT: *This paper introduces Farias Brito's view regarding the philosophical thought in the beginning of the twentieth century. It discusses the tendencies of the thought present at that time, named by Farias Brito as “demolition doctrines”, which involved the criticism, the positivism and the materialism. It introduces, finally, the philosopher's considerations, with his declared option by the philosophy of spirit, which makes possible the restoration, the rebirth of the dying moral values, at that historical time.*

KEYWORDS: *Criticism. Positivism. Materialism. Philosophy of spirit.*

INTRODUÇÃO

Raimundo de Farias Brito (1862-1917), ao escrever *O Mundo Interior*, vive um momento conturbado da história contemporânea, em que a filosofia materialista parece fortalecer-se no interior do cotidiano, seja em relação ao senso comum, seja no tocante ao conhecimento científico, professado nos meios acadêmicos. A Primeira Guerra Mundial está sendo deflagrada e a Revolução Russa passa pelo período de gestação, prestes a eclodir. O mundo está confuso, inseguro e pessimista. E a semente do materialismo encontra terra fértil onde germinar.

O pensador brasileiro presente as conseqüências dessa fase de instabilidade mundial, com o desmoronamento da moral e a disseminação das filosofias que contêm no seu interior o gérmen do pessimismo, da morte, do nada, enfim, da demolição. Daí, arma-se

para o combate contra a visão de mundo materialista, que ganha terreno no pensamento humano, contrapondo-lhe uma filosofia que faça renascer os valores morais, tais como os encontrados no cerne do verdadeiro cristianismo, alheio aos dogmas e às imposições do egoísmo humano. Uma filosofia que permita ao homem voltar-se para o seu interior, conhecer-se a si mesmo e dar continuidade à sua evolução espiritual.

AS “FILOSOFIAS DO DESESPERO” NO INÍCIO DO SÉCULO XX

O criticismo

Farias Brito inicia a sua obra *O Mundo Interior*, com o texto denominado *As Novas Tendências do Pensamento*, no qual afirma que as “filosofias do desespero” chegaram ao fim, deixando lugar ao renascimento da “filosofia do espírito”. Por “filosofias do desespero”

1- Filósofo, Psicólogo, Mestre em Psicologia, Professor da Universidade Guarulhos e autor dos livros *Roteiro de Pedras* (poemas), *Transparências* (poemas) e *Lições de Luz* (meditações espiritualistas).



ou “doutrinas de demolição”, ele entende “o criticismo e o positivismo, o materialismo e o pessimismo e, por fim, como conseqüência dos mesmos, a anarquia” (1914, p. 46).

Criticismo é como se denomina a filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), segundo a qual, em termos gerais, “não é possível, nem desejável, conhecer o mundo ou atuar nele sem uma prévia crítica, ou um prévio exame, dos fundamentos do conhecimento e da ação” (MORA, 1981, p. 674). A crítica, nessa acepção, corresponde à atitude de distinguir entre o verdadeiro e o falso, fazendo-se uma apreciação dos poderes da razão, apenas aceitando-se as afirmações alheias submetidas a um exame livre e fundamentado de seu conteúdo. A partir desse critério, chega Kant à conclusão de que não podemos conhecer a essência do objeto, a coisa-em-si ou númeno, mas apenas o fenômeno, ou seja, o modo como apreendemos a realidade, a maneira como ela nos aparece. Entretanto, o númeno, é justamente o objeto da metafísica. Isso significa, para o filósofo alemão, que essa disciplina, como teoria da substância, está limitada por não poder atingir a coisa-em-si. Daí a sua conclusão pela impossibilidade de um conhecimento metafísico, cujo objeto não é apreendido pelo sujeito como coisa-em-si, mas apenas idealmente, superficialmente, como fenômeno, como aparência. Farias Brito afirma a respeito que o fenomenismo radical e o positivismo reproduzem o pensamento de Hume, sob esta dupla forma: “Não conhecemos as coisas como são em si mesmas, mas somente nas impressões que produzem em nós; não conhecemos as causas nem o destino das coisas, mas somente as modalidades acidentais com que se apresentam a nosso organismo” (FARIAS BRITO, *ibid.*, p. 54).

Kant não aceita os sistemas racionalistas em voga no século XVIII, por considerarem a metafísica como forma predominante de conhecimento, cabendo à experiência apenas um valor secundário. O erro do racionalismo – pensa ele – tem por origem a própria razão, pois esta transgride o domínio da experiência, propõe-se detentora do conhecimento de objetos, dos quais, na verdade, possui apenas conceitos, que são insuficientes para a apropriação do conhecimento objetivo (REZENDE, 2001). Kant distingue entre ciência e pseudociência, a primeira produzindo efetivamente o

conhecimento, e a outra apenas fazendo uso da especulação, em que não há correspondência entre pensamento e objetos. Entretanto, de acordo com a filosofia kantiana, o conhecimento do objeto é fruto da utilização de duas faculdades humanas: a sensibilidade e o entendimento. Como a metafísica dogmática somente faz uso da especulação (uso da razão voltada para um objeto ou conceito de objeto inacessível à experiência), falta-lhe o uso da sensibilidade, não sendo possível gerar conhecimento.

Há, pois, em Kant, a delimitação de dois mundos, o mundo dos fenômenos – a realidade de nossa experiência,; e o mundo do númeno – a realidade considerada em si mesma e que podemos pensar, mas não conseguimos conhecer. A sua preocupação básica é justamente responder a perguntas fundamentais ao ser humano: “O que posso saber?”, “O que devo fazer?”, “O que posso esperar?” e “O que é o homem?”, que é a mais importante das quatro (MARCONDES, 2002). Cabe ao filósofo, identificar as origens do saber humano, a extensão do uso possível e útil do saber e os próprios limites da razão. Para responder a tais questões, há uma acirrada competição entre as várias tendências do pensar moderno, cuja superação só pode ser alcançada pelo uso do pensamento crítico.

Kant visa à superação da oposição entre o racionalismo, que tem por critério do conhecimento a razão e o empirismo, segundo o qual o conhecimento humano deriva da experiência sensível. O caminho intermédio que encontra nessa jornada é o racionalismo crítico, mas, justamente por operar no âmbito da crítica, o filosofar kantiano estabeleceu limites ao conhecimento, o que permitiu um certo grau de ceticismo no domínio cognitivo do pensamento filosófico.

O positivismo

A segunda vertente filosófica combatida por Farias Brito é o positivismo de Augusto Comte (1789-1857). Genericamente, podemos dizer que o positivismo é a doutrina que admite como única fonte de conhecimento e critério de verdade os fatos positivos, ou seja, concretos, reais, palpáveis. “O positivismo consiste essencialmente em um método que quer ser oposto ao metafísico. Quer ele excluir toda especulação que vá além da consideração dos fatos” (DEL VECCHIO,



2004, p. 200). O raciocínio deve estar fundado exclusivamente na observação empírica, na experiência.

Para Comte, a crise religiosa própria do século XIX, ocasionada pelo desenvolvimento científico, é a grande causa da crise social, sendo, portanto, indispensável que a sociedade seja organizada pela ciência (DUCASSÉ, 1963). A humanidade, diz Comte, vem se desenvolvendo no interior de três grandes períodos (Teoria dos Três Estados): No primeiro (período teológico), os fatos são explicados por meio de causas primeiras personificadas em vários deuses ou num único Deus; no segundo (período metafísico), as causas primeiras cedem lugar a causas mais gerais ou entidades metafísicas, sendo os fatos explicados por idéias, conceitos, enfim, por entidades abstratas; na terceira etapa (período positivo), procura-se compreender as relações entre os fatos por meio da observação científica e do raciocínio, predominando o método experimental. Neste aspecto, a filosofia positivista seria o coroamento da evolução cultural da humanidade, correspondendo exatamente a seu último período, pois toda proposição expressa de modo positivo corresponde a um fato observável, excluindo-se a busca pela causalidade dos fenômenos, como ocorre nos procedimentos teológico e metafísico, para tornar-se apenas a pesquisa de suas leis, ou seja, das relações constantes entre os fenômenos observáveis.

Através da sociologia, Comte busca a reforma moral da sociedade. Para ele, a sociologia descreve os fenômenos sociais e avalia as condições de mudança, estabelecendo as leis do progresso. No entanto, o seu objetivo principal é antes fazer uso dos resultados científicos alcançados, a fim de preceituar as condições de estabelecimento do espírito positivo no âmbito da sociedade (ABRÃO, 2004). Cabe-lhe reorganizar as estruturas sociopolíticas, preparando, desse modo, a reforma moral da sociedade.

A partir da missão moral da sociologia, Comte faz uma ligação orgânica entre a própria moral, a ciência e a filosofia, auferindo ao cientista um papel importante como analista das leis do progresso social. Destarte, o objetivo da razão é, nesta mesma trilha de reforma moral da sociedade, a redenção do Homem. Daí ter, posteriormente, instituído a Religião da Humanidade.

Comte pretende, com a filosofia positiva, elabo-

rar normas que possibilitem reformar a sociedade de modo a dirigi-la à via da etapa superior do desenvolvimento social: o período positivo. Ou seja, o período em que se dá à ciência o seu devido valor e em que é colocada em seu devido lugar. Ciência, entendida como o conhecimento dos fenômenos por meio das leis, o que possibilita a previsão e o controle racionais desses fenômenos com o fim de construir a sociedade positiva.

A sociedade positiva expressa-se, portanto, pela ciência que, por sua vez, tem por objeto o fato observável. A especulação filosófica passa a ser considerada como duvidosa e falha, pois não se utiliza das etapas próprias do método científico. Comte considera que a lógica especulativa consistiu sempre “em raciocinar, com mais ou menos sutileza, segundo princípios confusos que, não oferecendo prova alguma suficiente, suscitam sempre disputas sem saída” (COMTE, 2000, p. 28). A filosofia clássica é relegada a um certo ostracismo. Em seu lugar, instaura-se a filosofia positiva, segundo a qual “toda proposição que não pode reduzir-se estritamente ao mero enunciado de um fato, particular ou geral, não pode oferecer nenhum sentido real e inteligível” (COMTE, *ibid.*, p. 28).

O materialismo

Afirma-se, em geral, que o materialismo corresponde à idéia de que toda a realidade é de caráter material ou de que a causalidade pertence apenas à matéria. Podemos dizer, grosso modo, que o materialismo, ou afirma apenas a existência da matéria, negando o espírito, ou dá primazia à matéria. Entretanto, há mais de uma forma histórica em que se apresenta essa tendência filosófica. Podemos falar em materialismo cosmológico, segundo o qual a matéria tem um caráter originário que antecede qualquer outro ser, sendo a causa deste. É, por exemplo, o materialismo próprio de positivistas do século XIX. Há também o materialismo metódico, que afirma ser a noção de matéria (corpo e movimento) o único instrumento para explicação dos fenômenos. Thomas Hobbes (1588-1679) pensa desse modo, ao afirmar que o conhecimento é conhecimento do movimento e movimento implica em corpo. O corpo é, para ele, o único objeto possível do saber humano. Outro tipo é o materialismo moral, que prega



o prazer (sensual) como único guia do comportamento. É o caso de Helvétius (1715-1771), para quem o homem é movido por um impulso para obtenção do prazer (derivado dos sentidos) e eliminação da dor (também com fonte nos sentidos). Podemos igualmente acrescentar o materialismo psicofísico, que afirma ser a atividade espiritual humana causada pela matéria (sistema nervoso, cérebro). É o caso de D'Holbach (1725-1789), para quem todas as faculdades humanas se constituem em modos de ser e agir resultantes do organismo humano, não passando o homem de uma simples parte da natureza. O zoólogo Karl Vogt (1817-1895) caminha por esta mesma via, quando afirma que o pensamento está para o cérebro na mesma relação em que a bÍlis está para o fígado ou a urina para os rins (ABBAGNANO, 1982).

O elo comum entre estas diferentes concepções do materialismo talvez seja a redução da realidade à matéria ou a primazia do material sobre o imaterial. Entretanto, a busca exagerada de uma fundamentação científica para as explicações do real acabam, muitas vezes, por desembocar no cientificismo, ou seja, na convicção de que apenas a ciência detém o verdadeiro conhecimento da realidade, a ciência é o único saber verdadeiro. Esse cientificismo, próprio do final do século XIX e início do século XX, é criticado por Farias Brito, pelo fato de contribuir para a propagação do materialismo.

O materialismo prevalecente no Brasil, quando Farias Brito escreve *O Mundo Interior*, é representado, particularmente, pelo positivismo em sua valorização de um método empirista e quantitativo, que tem na experiência sensível a fonte principal do conhecimento (JAPIASSU; MARCONDES, 2001), daí a sua aversão diante das teses positivistas.

A POSIÇÃO DE FARIAS BRITO DIANTE DAS “FILOSOFIAS DE DESESPERO”

O principal embate de Farias Brito é contra o materialismo, que toma conta de grande parte do pensamento filosófico no Brasil do início do século XX. Tal filosofia proclama que “tudo é matéria”, diz ele. E essa proclamação leva a conseqüências desastrosas e catastróficas. Por sua causa, “o mundo fez-se trevas; a vida perdeu todo o seu sentido e todo o seu valor; e uma noite impenetrável encerrou os horizontes do es-

pírito”. E conclui, nesta linguagem imiscuída de poesia: “O desespero torna-se a única palavra da vida. E uma tristeza mortal invade o coração do homem, inconsciente em face da natureza sensível, mudo e impassível em face do cadáver do espírito e da desordem do cosmos” (FARIAS BRITO, *ibid.*, p. 44).

Se tudo é matéria, pensa o filósofo, a consciência é uma mentira, não passando de “acidente sem valor, repercussão ilusória da realidade no vácuo, efeito apenas do choque dos elementos”. Ou seja, na perspectiva materialista, a consciência não tem consistência real, desfazendo-se e voltando ao inconsciente. Noutras palavras: tudo volta ao nada, que é o fim e a verdade definitiva da vida. E, além disso, viver é sofrer, sendo o prolongamento da vida a manutenção eterna do sofrimento. A vida é, assim, uma agonia contínua, sendo o nascimento o início da morte. Para que esse desespero seja vencido, para que a desgraça da vida desapareça, há apenas um meio: “o completo esquecimento de tudo no nada”.

Como – no pensar de Farias Brito – esta é a síntese final do materialismo, evidencia-se a forma completa e perfeita do que ele chama “filosofia do desespero”. Entretanto, uma doutrina do desespero pode apenas produzir obra de desespero e de demolição. Daí o materialismo levar ao desmoronamento, concretizado na dissolução moral e ruína dos caracteres.

Cada uma das “filosofias do desespero” carrega um elemento que contribui para alavancar a demolição. David Hume (1711-1776) leva o empirismo às últimas conseqüências, de modo que a sua filosofia se converte num total ceticismo, isto é, na impossibilidade de se conhecer as coisas como são em si mesmas. A influência de Hume recai sobre o criticismo de Kant e o positivismo de Comte, duas alavancas da demolição a que se une o materialismo com seu complemento moral, o pessimismo. Isto tudo, considera Farias Brito, é explicado como conseqüência inevitável da corrupção da igreja, que dissemina a decadência da fé nos cristãos. É verdade que uma grande filosofia participou da formação da civilização contemporânea, “uma filosofia viva e efetiva, que animava as consciências e se objetivou em religião, dando direção e organização à sociedade européia” (FARIAS BRITO, *ibid.* p. 51). Entretanto, tal doutrina, o cristianismo, deixou o amor e a bondade, a luz e a verdade, corrompeu-se ao contato

das multidões, sobretudo quando o absolutismo papal atingiu o seu ponto mais elevado, e já no início da Idade Moderna havia perdido a sua pureza primitiva. Essa corrupção cresceu, agigantou-se, convulsionando e demolindo tudo. Na ânsia de combater tal situação, a crítica acabou por atribuir o mal à filosofia e à religião. E a contrapartida foi o apelo não às idéias, mas ao positivo, ao real, ao tangível. Ora, o que constitui o tangível é a matéria. Apelou-se, portanto, à matéria. “E assim argumentando, acentuou: Tudo o mais é falso, tudo o mais é ilusório. É da matéria mesma que deve partir a indicação para a orientação do futuro e é de conformidade com os processos da matéria que deve ser interpretada e organizada a sociedade” (FARIAS BRITO, *ibid.* p. 54). A afirmação de que “tudo é matéria” – diz Farias Brito – é o dogma da ciência. Mas esse dogma é também o da “filosofia do desespero”, pois se tudo é matéria, a vida não passa também de simples agregação da matéria, de modo que, com a morte, o ser vivo desagrega-se e desaparece. A história da humanidade, nesta perspectiva, é o testemunho do esforço humano para descobrir o significado real da existência. Mas para quê? Para nada, afirma o materialismo, pois tudo volta à inconsciência da matéria. “Não é isso verdadeiramente a filosofia do desespero?” – pergunta Farias Brito. Dela resulta o pessimismo, que colabora para a desordem na orientação dos espíritos e o vazio nas consciências. E o resultado é “a anarquia elevada à categoria de sistema, tendo por programa a dissolução social e por objetivo a morte das instituições” (FARIAS BRITO, *ibid.* p. 56).

Este é o quadro que se apresenta ao espírito no início do século XX, em que o pensamento positivo e materialista prega a inconsciência, a morte e o nada. Portanto, pensa Farias Brito, na entrada do templo em que se cultuam tais ideais deveria inscrever-se a fórmula de Dante: “Deixai toda esperança, vós que entráis”.

O RENASCIMENTO DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO

Para Farias Brito, é tempo de dar um basta à desorganização geral e à situação aflitiva a que foi reduzida a vida. É preciso fazer renascer a filosofia do espírito. O próprio fato da desorganização geral e da aflição que toma conta do mundo é suficiente, diz o

pensador, para provar que há necessidade de um ideal para a vida. E tal ideal só pode ser explicado e compreendido como obra do espírito. Afinal, o espírito é o princípio do conhecimento e a origem de todo ideal. Donde conclui que “o espírito é a verdade das verdades”, sendo a vida a sua realização objetiva e a sua manifestação visível.

Como pode o materialista, pergunta Farias Brito, “afirmar ou negar qualquer coisa, sem reconhecer-se a si próprio como espírito, aquele que nega ou afirma, uma vez que só um espírito, isto é, uma consciência, pode afirmar ou negar?” (FARIAS BRITO, *ibid.*, p. 57). Por que insistir no preconceito materialista? Além de funesto na ordem prática, o materialismo é também, no entender do filósofo, uma concepção teoricamente absurda. Por pretender reduzir toda a realidade exclusivamente à forma exterior, objetiva, torna-se uma teoria que não se pode representar na consciência.

Em suas considerações, Farias Brito apela à dúvida metódica, de René Descartes (1596-1650), método de conhecimento que visa descobrir a verdade, considerando provisoriamente como falsas todas as idéias que não sejam claras e distintas. Descartes afirmava textualmente ser necessário “rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável” (DESCARTES, 1962, p. 66). Fazendo, pois, uso desse método, Farias Brito afirma que a matéria pode ser negada, na medida em que aquilo que se nos apresenta no espaço, ocupando aí um lugar e se movendo, pode ser apenas uma ilusão, como ocorre, por exemplo, no delírio da febre ou nos fantasmas do sonho. Descartes já fizera tais considerações. O espírito, porém, é indubitável, no entender de Farias Brito. Daí a necessidade de uma filosofia do espírito para a condução do pensamento e das ações humanas.

A filosofia que, desde o começo da história da humanidade, se impôs foi, no entender do pensador, a filosofia do espírito, que corresponde à “filosofia perenne”, de Leibniz (1646-1716), constituída por tudo que há de verdadeiro em todos os sistemas filosóficos; a filosofia cujo pensamento permanece para além da transitoriedade dos conteúdos acidentais de tantas doutrinas filosóficas que o mundo já conheceu. Essa filosofia, a filosofia do espírito, vê na vida um dos pro-



cessos do espírito e faz do mundo o cenário onde o espírito representa o seu existir. Esta filosofia tem por concepção fundamental o espírito. É uma filosofia que tem um crescimento e uma transformação incessantes, uma filosofia sempre nova porque renasce a todo momento. A filosofia antiga foi um de seus momentos e a filosofia contemporânea é o seu momento presente. Trata-se de uma “filosofia que é movimento e vida; logo, consciência e atividade; logo, afirmação e ação; logo, criação e renovação perpétuas” (FARIAS BRITO, *ibid.* p. 60).

Farias Brito diz que os primeiros povos e primeiras nacionalidades tiveram alta concepção da filosofia do espírito. Não fosse assim, seria inexplicável a formação das religiões, que remontam aos primeiros tempos e ao alvorecer da história. Isso, para o filósofo, é uma prova evidente de que a convicção profunda da verdade do espírito já fazia parte das primeiras sociedades. Não podemos ter respostas para todas as perguntas, entretanto, sabemos que a evolução se processa por um lento e contínuo trabalho do pensamento. E foi assim que a fase da barbárie foi suplantada, dando lugar à civilização.

Há investigadores como, por exemplo, Charles Secrétan (1815-1895), que falam de uma sociedade que teria alcançado um alto grau de cultura e de ciência, num passado remoto. Tal sociedade, em decorrência do abuso da liberdade, acabou por se desintegrar, vindo a desaparecer. É a chamada “queda”, pois teria tido o homem posterior a necessidade de recomeçar o seu percurso a partir da barbárie. Sem acompanhar tais investigadores, Farias Brito apenas considera que a história é como o laboratório do pensamento, o registro sucessivo do trabalho do espírito, o instrumento pelo qual o homem se transforma através dos séculos. Nessa perspectiva, a história é o reflexo do espírito. É nela que se acha a fonte mais fecunda de informações, quer para as ciências psíquicas, quer para a filosofia do espírito. Entretanto, mesmo reconhecendo o valor do método histórico, Farias Brito prefere utilizar a observação imediata dos fenômenos, a observação interna, a introspecção ou visão interior, como ele chama. Sempre que necessário, recorre à história para esclarecer a ordem dos fatos concretos e reais. Mas, decisivamente, o seu ponto de vista, ao invés de histórico, é moralista. Interessa-lhe não o passado, mas

“o presente vivo e real”. Não desconhece, porém, que o presente supõe o passado, enquanto envolve também o futuro. O espírito, afirma o pensador, forma uma unidade no espaço e no tempo. Tudo o que há no cosmos interessa a seu conhecimento, estando, de certo modo, subordinado à sua atividade, dado que o conhecimento é como uma visão do espírito em direção do passado. Nesse ponto, Farias Brito recorre a Blaise Pascal (1623-1662), quando afirma que o Universo “é uma esfera infinita cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma”. O espírito representa o centro dessa esfera. Destarte, cada consciência representa o centro do Universo, do qual emergem raios que envolvem tudo o que existe.

Preferindo não emitir juízo sobre o valor dos historiadores e filósofos que buscam esclarecer o passado mais remoto do homem, Farias Brito apenas afirma que, se não é certo, é pelo menos extremamente provável que “uma grande filosofia existiu em épocas remotíssimas, filosofia que é exatamente uma filosofia do espírito, à qual se prende a origem das religiões” (FARIAS BRITO, *ibid.*, p. 60). Isso faz presumir que viveu na Terra uma elevada civilização, desaparecida, e da qual sobraram somente vagas lembranças no interior das religiões. Daí ter a Antigüidade a mais alta concepção do espírito, sobrevivendo também daí a moral mais pura e mais perfeita. Apesar de seu apregoado progresso, a civilização contemporânea não só não desenvolveu algo semelhante, mas, pelo contrário, corrompeu essa moral, principalmente no que se refere ao pensamento da demolição, então vigente. Tal fato leva à necessidade de fazer renascer a filosofia como ciência do espírito, compreendendo a filosofia moral “que é exatamente da filosofia do espírito, a parte mais importante e o núcleo fundamental [...], ciência única no seu gênero, que dando-nos, pela visão interior, a interpretação da nossa própria existência, fornece-nos ao mesmo tempo a indicação para a interpretação da existência universal” (FARIAS BRITO, *ibid.* p. 92-93).

É nesse sentido que Farias Brito elabora a sua obra *O Mundo Interior*, contrapondo ao materialismo e seus apêndices um espírito novo na filosofia, que permita ao ser humano readquirir a consciência de si mesmo, que parece ter perdido, e que foi o ponto central do pensamento antigo, em Sócrates (c. 469-399 a. C.), quando exortava o homem, com voz profética e

segura: "Conhece-te a ti mesmo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar as suas considerações sobre a filosofia do espírito, Farias Brito faz a sua profissão de fé no tocante ao espiritualismo. A sua escolha é radical, na medida em que busca sustentação nas raízes da história e pré-história humanas. Se há um materialismo que corrompe e destrói, pensa ele, é necessário contrapor-lhe uma filosofia que privilegie o espírito, de modo que possa levar à reconstrução moral do ser humano. O criticismo, o positivismo e o materialismo, cada qual colabora com sua parte para promover o ceticismo, o pessimismo, o nihilismo, enfim o desespero característico da sociedade em que vive o filósofo. Tais escolas se constituem em autênticas filosofias do desespero, como as denomina Farias Brito. O materialismo, particularmente, é o alvo contra o qual se arremete o seu pensamento, pois, na sua visão, é responsável pela dissolução dos costumes, sendo, portanto, essencialmente necessário o renascimento da filosofia do espírito que, fazendo uso do método introspectivo, permita ao homem voltar-se para o seu mundo interior. Ou seja, é preciso que o homem volte a conhecer-se a si mesmo, a fim de dar prosseguimento à sua jornada evolutiva pela vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ABRÃO, Bernadete Siqueira (Org.). **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- COMTE, Auguste. **Discurso sobre el espíritu positivo**. Madri: Alianza Editorial, 2000.
- DEL VECCHIO, Giorgio. **História da filosofia do direito**. Belo Horizonte: Ed. Líder, 2004.
- DESCARTES, René. **Obra escolhida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- DUCASSÉ, Pierre. **As grandes correntes da filosofia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1963.
- FARIAS BRITO, Raimundo de. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados geraes da philosophia do espírito. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1914.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- MORA, José Ferrater. **Diccionario de filosofia**. Madri: Alianza Editorial, 1981. v. 1.
- REZENDE, Antonio (Org). **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.